



PSICANÁLISE

Luis Kancyper

O complexo fraterno

Estudo psicanalítico

Blucher

O COMPLEXO FRATERNAL

Estudo psicanalítico

Luis Kancyper

Tradução
Julio Noto

O complexo fraterno: estudo psicanalítico

Título original: *El complejo fraterno: estudio psicoanalítico* (ISBN: 987-00-0447-4)

© 2004 Editorial y Distribuidora Lumen SRL, Luis Kancyper

© 2019 Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Rembrandt, *Jacob Blessing the Children of Joseph*. Wikimedia Commons.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kancyper, Luis
O complexo fraterno : estudo psicanalítico /
Luis Kancyper ; tradução de Julio Noto. – São
Paulo : Blucher, 2019.
324 p. : il.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-1392-5 (impresso)
ISBN 978-85-212-1393-2 (e-book)
Título original: *El complejo fraterno: estudio
psicoanalítico*

1. Psicanálise 2. Irmãos e irmãs – Aspectos
psicológicos I. Título. II. Noto, Julio.

19-0509

CDD 155.443

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise : Irmãos

Conteúdo

Notas gerais sobre a tradução 7

Prólogo 11

PARTE I

O complexo fraterno na cultura

1. Jacob ou o calcanhar de Esaú: o complexo fraterno na mitologia 15

2. Complexo de Édipo e complexo fraterno na vida e na obra de Franz Kafka 89

3. Complexo fraterno tanático e trófico na obra de Jorge Luis Borges 127

PARTE II

O complexo fraterno no processo analítico

4. O rei está só: o complexo fraterno na psicanálise com crianças	173
5. Burro de carga: o complexo fraterno no processo analítico de adolescentes	209
6. O irmão de substituição: o complexo fraterno no processo analítico de adultos	249
Epílogo – O complexo fraterno e suas quatro funções	289
Referências	297
Índice de autores	311
Índice remissivo	315

1. Jacob ou o calcanhar de Esaú: o complexo fraterno na mitologia

Introdução

O mito expressa uma realidade instituidora da qual habitualmente não se fala, uma trama de situações vitais que determinam a estrutura secreta ou oculta do indivíduo. O homem de qualquer época não pode configurar-se sem mitos. Estes revelam que a vida, o mundo e o homem têm uma origem e uma história sobrenatural.

Montevichio, Rosenthal, Smulever e Yampey (1986, p. 374)

O mito constitui, para a psicanálise, uma fonte fecunda de descobrimentos. Seu conteúdo é sempre dramático, porque expressa e oculta graves situações conflitantes referentes às origens, à estrutura e ao destino dos homens.

Neste primeiro capítulo, proponho-me a ressaltar o relato bíblico de Jacob, porque o considero como o mito paradigmático que fornece à psicanálise novas vias de interpretação da estrutura fraterna e de sua articulação com as dimensões edípica e narcisista.

Nesse mito, são postos em cena os entrelaçados processos psíquicos que surgem na vida psíquica do segundogênito, de modo diferente das observações clínicas aportadas por Freud e Lacan, centralizadas no estudo do “complexo do intruso” ou das feridas narcísicas, e prejuízos egoicos padecidos pelo primogênito, em razão do aparecimento de um irmão rival que vem quebrar e questionar a crença da perfeição de seu narcisismo infantil. Desse modo, o mito do patriarca Jacob permite a fala do irmão menor, aquele cuja culpabilidade insidiosa o faz sofrer isolado e em silêncio no segredo das noites da infância.

O calcanhar de Esaú e o guisado de lentilhas

O mito bíblico de Jacob e seus descendentes representa uma versão aumentada e ampliada da presença, por um lado, das extremas e flagrantes moções afetivas de crueldade e sadismo e, por outro, de fantasias de hostilidade insuportável, como genuínos representantes da vida pulsional não inibida, inerente à fratria.

A conhecida história narrada no livro do Gênesis, capítulo 25, estende-se até o término do primeiro livro de Pentateuco.

No começo da narração bíblica, apresentam-se, de imediato, fantasias inerentes à gemelaridade, à rivalidade e ao roubo da primogenitura em troca de um guisado de lentilhas. Essas fantasias são acompanhadas por amplo leque de afetos hostis e de relações de domínio desde o início, ainda na vida intrauterina: “Os filhos lutavam no ventre dela”. Além disso, a rivalidade estendeu-se, inclusive, até o momento do parto: “O primeiro saiu ruivo, o corpo recoberto como um manto peludo, e o chamaram Esaú. Em seguida saiu seu irmão, com a mão agarrada ao calcanhar de Esaú, e o chamaram Jacob”.

O nome Jacob remete à palavra hebraica *acob*, que significa calcanhar. Da mesma raiz provém o verbo *acab*, que quer dizer enganar.

Esse mito põe a descoberto os pactos de lealdades visíveis e invisíveis e os conluíus parento-filiais, inconscientes e conscientes, que costumam permanecer atuantes e latentes após uma manifesta e reiterada rivalidade entre irmãos: “Isaac amava Esaú. . . , mas Rebeca amava Jacob”.

A seguir, vamos perceber as palavras e os silêncios sugestivos deste relato da Bíblia:

E estas são as crônicas de Isaac, filho de Abraão. Abraão gerou Isaac. Isaac tinha quarenta anos quando tomou Rebeca por mulher, filha de Betuel, arameu de Padã-Arã, irmã de Labão, o arameu. Isaac suplicou ante o Senhor por sua mulher, pois ela era estéril. O Senhor aceitou sua oração e sua mulher concebeu. Os filhos lutavam no ventre dela, que disse: “Se é assim, por que isso me acontece?”. E foi perguntar ao Senhor. O Senhor lhe disse: “Dois povos existem em teu ventre; duas nações de tuas entranhas vão se separar; o poder passará de uma nação a outra e a maior servirá à menor”. Quando se completaram os dias de sua gravidez, eis que havia gêmeos em seu ventre. O primeiro saiu rui-vo, o corpo recoberto como um manto peludo, e o chamaram Esaú. Em seguida saiu o irmão, com a mão agarrada no calcanhar de Esaú, e o chamaram Jacob; Isaac tinha sessenta anos quando Rebeca deu à luz. Os jovens cresceram, e Esaú tornou-se caçador, homem do campo; porém, Jacob era um homem íntegro

vivendo em tendas. Isaac amava Esaú porque comia suas caças, mas Rebeca amava Jacob.

Jacob preparou um guisado de lentilhas, Esaú chegou do campo e estava exausto. Esaú disse a Jacob: “Coloca em minha boca um pouco desse cozido tão vermelho, pois estou exausto”. Por isso, foi-lhe dado o nome de Edom. Jacob disse: “Vende-me hoje a tua primogenitura”. E disse Esaú: “Se no final eu terminarei morrendo, de que me serve a primogenitura?”. Disse Jacob: “Jura-me neste dia”.

Esaú jurou e vendeu sua primogenitura a Jacob. Jacob deu a Esaú um pão e o guisado de lentilhas, e ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Esaú desprezou a primogenitura. (Torá, Gênesis 25, 19-34)

A gemelaridade

O tema da gemelaridade ocupa um lugar importante na fantasmática inconsciente. Os gêmeos proporcionam uma expressão eloquente da natureza fundamentalmente escópica do ser, do duplo da reflexividade essencial do sujeito.

Esse duplo, o gêmeo maravilhoso ou ominoso, personifica o paradigma de fenômenos ligados à aquisição progressiva e tardia do sentimento de identidade, suas relações com o narcisismo e com a pulsão de morte, que costumam manifestar-se diante da fantasia da existência de um gêmeo imaginário.

Em 1919, Freud escreveu sobre o duplo em seu artigo “O ominoso”, texto que preludia *Além do princípio do prazer*, no qual introduz o conceito de Tãatos, seu intrincamento e desintrincamento com Eros.

O duplo foi, em sua origem, uma segurança contra o sepultamento do ego, um desmentido enérgico do poder da morte, e é possível que a alma “imortal” tenha sido o primeiro duplo do corpo. Essas representações nasceram sobre o terreno do amor irrestrito por si mesmo, o narcisismo primário que governa a vida anímica da criança e do primitivo; com a superação dessa fase, muda o sinal do duplo: de uma segurança de sobrevivência, passa a ser o ominoso anunciador da morte. Esse duplo imortal caracteriza-se por ser inquietante, familiar e estranho. Por corresponder, segundo Freud, por um lado:

a um retrocesso a fases singulares da história do desenvolvimento do sentimento egoico, de uma regressão a épocas nas quais o ego não havia ainda se distinguido nitidamente do mundo exterior nem do outro. Retém-se um efeito ominoso quando se apagam os limites entre fantasia e realidade, quando aparece em frente a nós como real, algo que havíamos considerado como fantástico, quando um símbolo assume a plena função e o significado do simbolizado. (Freud, 1919a, p. 225)

Esse duplo age como corpo estranho no ego, apaga os limites da identidade própria e da alteridade e é, por consequência, fonte de angústias confusionais. Instala-se na espacialidade psíquica do sujeito como um inquilino violentador que o transforma em um escravo, além de impedir o ego de ser o dono da própria casa.

O irmão pode ser visto como um usurpador todo-poderoso que se apropria magicamente de seus atributos. Produz-se, assim, uma atuação defensiva da distância social ou geográfica: ir aos confins do mundo, porque o lugar já está ocupado pelo outro ou porque o outro representa, exterioriza e localiza aquilo que não quer ver em si mesmo.

A clínica das relações fraternas, sobretudo dos gêmeos, ilustra a dialética do senhor e do escravo de Hegel, na qual um irmão é necessariamente dominado pelo outro, o dominador.

Aquele que domina preocupa-se com o outro, tem maior necessidade desse outro e, frequentemente, isso se torna intolerável. O senhor necessita ser reconhecido como tal, enquanto o “dominado” pode prescindir do “dominante” e adequar-se à situação. Portanto, esse fato coloca-o em uma posição de força que enfurece o outro com uma “raiva narcisista” que pode produzir uma lamentável violência. (Brusset, 1987)

Encontramos uma particular encenação imaginária nos gêmeos: a fantasia com relação à existência de um só espaço, um só tempo e uma só possibilidade para dois. Por exemplo, existe uma única carreira profissional, uma beleza excludente, uma única posição econômica e social. Se uma irmã gêmea é mãe, a outra é tia; se uma é inteligente, a outra é boba; se uma é linda, a outra é feia; se uma é rica, a outra é pobre.

Essa dimensão sacrificial entre os gêmeos é uma consequência da estratificação superposta de fantasias de roubo e simbiose (de fusão e confusão, de adjudicações e apropriações mútuas de papéis e funções) e funciona como as raízes que nutrem remorsos e ressentimentos mais virulentos, que costumam expressar-se, por exemplo, pelo evitamento extremo de toda competição, pela rivalidade. Recordemos que o termo “rivalidade” provém do latim *rivalis* e significa ter direito à mesma corrente de água.

Os remorsos cerceiam, no irmão mais talentoso do par especular e simbiótico, suas possibilidades de oportunidade e evolução pessoal, em razão de sua incapacidade de fracassar de forma

parcial ou total no esforço para conseguir o triunfo, visto que suas conquistas, ao existir uma única possibilidade para os dois, costumam ser vivenciadas como a realização alucinatória do *homo homini lupus*, com consequentes sentimentos de culpa e desencadeamento da necessidade de castigo. Por sua vez, o gêmeo postergado nas suas realizações individuais contabiliza correlativamente seus ressentimentos, esperando vingar-se do gêmeo privilegiado, que considera responsável por seus fracassos. Assim, entre eles, há um tempo circular tanático que perturba a aquisição da identidade discriminada de cada um.

Freud descreve em “Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920) uma observação analítica entre irmãos gêmeos e não gêmeos, que denomina como “colocar-se de lado”, relacionado com o evitar da ineludível competição entre os semelhantes. Ele assinala seus efeitos na definição da escolha de objeto sexual e vocacional.

Como esse “colocar-se de lado” não foi anteriormente mencionado entre as causas da homossexualidade, tampouco relacionado ao mecanismo de fixação libidinal, acrescento aqui uma observação analítica similar, interessante por uma circunstância particular. Conheci certa vez dois irmãos gêmeos, ambos dotados de fortes impulsos libidinosos. Um deles tinha muita sorte com as mulheres e mantinha inumeráveis relacionamentos com senhoras e senhoritas. O outro, a princípio, seguiu o mesmo caminho, mas depois lhe desagradou estar caçando em seara alheia, ser confundido com aquele em ocasiões íntimas, em razão de sua semelhança; por isso, resolveu a dificuldade tornando-se homossexual. Abandonou as mulheres ao seu irmão e “colocou-se de lado” em relação a ele.

Em irmãos não gêmeos, esse “colocar-se de lado” desempenha um importante papel também em outros âmbitos, não somente no da eleição amorosa. Por exemplo, se o irmão mais velho se dedica à música e desfruta de reconhecimento, o menor, musicalmente mais dotado, logo interrompe seus estudos musicais, apesar de desejar dedicar-se a eles, sendo impossível persuadi-lo a tocar um instrumento. Isso é apenas um exemplo de um fato muito comum e a indagação dos motivos que levam a “colocar-se de lado” em vez de aceitar a rivalidade, revelando condições psíquicas muito complexas. (Freud, 1920, p. 152)

O conluio mãe-filho

O termo “colusão”¹ deriva do latim *ludere* (brincar) e também de *illudere* (enganar). Conluio é “confabulação, complô para enganar alguém; é um engano compartilhado”.

O conceito de conluio foi formulado por Laing (1961) para referir-se a um jogo inconsciente de transferências produzidas por reforçamento recíproco de fantasias compartilhadas. Outros autores se ocuparam do tema com o intuito de aplicá-lo à relação de casais e entre analista e analisando, na situação analítica. Eu aplico esse conceito, por outro lado, ao tratar do conluio parento-filial. No caso do mito apresentado, estabeleceu-se um eloquente conluio entre Rebeca e seu filho menor, contra Isaac e Esaú.

1 Embora o termo “colusão” exista em português, preferimos utilizar seu sinônimo “conluio”, por ser mais utilizado e ter sentido mais imediato no contexto. [N.T.]

E aconteceu que, quando Isaac envelheceu e seus olhos se nublaram, chamou a Esaú, seu filho mais velho, e lhe disse: “Meu filho”. E ele lhe respondeu: “Eis-me aqui”. E Isaac lhe disse: “Verás que envelheci, e não sei qual é o dia da minha morte. Agora, por favor, afia tuas armas, tua espada e teu arco, sai ao campo e apanha para mim alguma caça. Em seguida, prepara-me um guisado saboroso como eu gosto e traze-mo, para que eu coma, para que minha alma possa abençoar-te antes que eu morra”.

Rebeca escutou o que Isaac disse a seu filho Esaú; e Esaú foi ao campo para apanhar uma caça que havia de trazer. Rebeca disse a seu filho Jacob: “Eis aqui o que ouvi que teu pai falava a teu irmão Esaú: ‘Traze uma caça e prepara-me um guisado saboroso para que coma, e eu te abençoarei na presença do Senhor antes de morrer’. Agora, meu filho, escuta minha voz naquilo que te mando. Vai agora ao rebanho e traze-me de lá dois cabritos selecionados e com eles prepararei um cozido saboroso para teu pai, como ele gosta. E levá-lo-ás a teu pai para que o coma, para que possa abençoar-te antes de sua morte”.

Jacob respondeu a Rebeca, sua mãe: “Mas meu irmão Esaú é um homem peludo e eu sou de pele lisa. Talvez meu pai me toque, e então serei a seus olhos um enganador, e assim trarei sobre mim uma maldição em vez de uma bênção”. Mas sua mãe lhe disse: “Que tua maldição recaia sobre mim, meu filho; porém, obedeça minha voz e vai e traze-mos”. E ele foi, tomou-os e trouxe-os à sua mãe; e sua mãe fez um guisado saboroso como seu pai gostava. Rebeca tomou roupa limpa

de seu filho mais velho Esaú que tinha em casa e vestiu Jacob, seu filho mais novo. Com as peles dos cabritos cobriu os braços e a lisura do pescoço. E deu o guisado saboroso e o pão que tinha preparado na mão de Jacob, seu filho.

E ele foi diante de seu pai e disse: “Pai”. E ele disse: “Eis-me aqui; quem és tu meu filho?”. Jacob disse ao seu pai: “Sou eu, Esaú, teu primogênito; fiz tal qual me ordenaste; por favor, levanta-te, senta-te e come do que cacei, para que tua alma me abençoe”. Isaac disse a seu filho: “Como é que encontrastes tão rápido, meu filho?”. E ele disse: “Pois o Senhor, teu Deus, fez que o encontrasse diante de mim”. Isaac disse a Jacob: “Aproxima-te, por favor, para que eu possa tocar-te, meu filho. De verdade sois Esaú, ou não?”.

Jacob aproximou-se de seu pai Isaac, que o tocou e disse: “A voz é a voz de Jacob, porém as mãos são as mãos de Esaú”. Mas não o reconheceu, pois suas mãos eram tão peludas como as mãos de seu irmão Esaú; e o abençoou, dizendo-lhe: “És meu filho Esaú?”. E ele respondeu: “Eu sou”. Isaac disse: “Sirva-me e deixa-me que coma o que caçou, meu filho, para que minha alma te abençoe”.

Então Jacob lhe serviu e Isaac comeu; depois lhe trouxe vinho e Isaac bebeu. E Isaac lhe disse: “Aproxima-te, por favor, e beija-me, meu filho”. Ele se aproximou e o beijou; cheirou o aroma de sua roupa e o abençoou, dizendo: “Veja, o aroma de meu filho é como o aroma de um campo abençoado pelo Senhor. E que Deus te dê o orvalho dos céus e a fertilidade da terra, e grãos e

vinho em abundância. Os povos te servirão, e os governos se inclinarão diante de ti; sê senhor de teus irmãos e os filhos de tua mãe se prostrarão diante de ti; malditos sejam os que te amaldiçoarem e benditos sejam os que te abençoarem”.

E quando Isaac havia terminado de abençoar Jacob, que já havia se afastado da presença de Isaac, Esaú, seu irmão, voltou da caçada. Ele também preparou guisados saborosos e os trouxe a seu pai. E disse a seu pai: “Que meu pai se levante e coma o que caçou seu filho, para que tua alma me abençoe”. Isaac, seu pai, perguntou: “Quem és?”. E ele disse: “Sou teu filho, teu primogênito Esaú”. Então, Isaac tremeu, absolutamente perplexo, e disse: “Quem, pois, é aquele que apanhou a caça e ma trouxe, aquela que comi quando tu ainda não havias vindo, e que eu abençoei? Ele também será bendito”.

Ao ouvir Esaú as palavras de seu pai, emitiu um tremendo e amargo grito e disse a ele: “Abençoa-me também a mim, pai!”. Mas Isaac disse: “Teu irmão veio com astúcia e tomou tua bênção”. Esaú disse: “Não foi justamente chamado Jacob e por isso já duas vezes me enganou? A primogenitura me tomou e eis que agora me tomou minha bênção”. Em seguida disse: “Não reservaste para mim uma bênção?”.

Então Isaac, seu pai, respondeu a Esaú: “Eis que o tenho posto como senhor sobre ti e de todos os teus irmãos e lhe tenho dado por servos, de trigo e vinhos o tenho fortalecido. Para ti, que posso fazer, meu filho?”. E Esaú disse a seu pai: “Tens uma só bênção, meu pai?

Abençoa-me também a mim, pai!”. E Esaú levantou sua voz e chorou.

Isaac, seu pai, lhe disse: “Eis aqui que a tua habitação será a terra fértil e o orvalho dos céus do alto. Por tua espada viverás, mas a teu irmão servirás, entretanto, quando estejas arrependido, poderás livrar-te do jugo que cinge teu pescoço”.

Esaú odiou Jacob por causa da bênção com a qual o havia abençoado seu pai e pensou para si mesmo: “Quando chegarem os dias de luto por meu pai, então matarei meu irmão Jacob”. (Torá, Gênesis 27, 1-41)

O texto bíblico não explicita as causas que motivaram Rebeca a instigar um conluio com Jacob, seu filho menor.

No jogo intersubjetivo de um conluio, ambos os participantes encarnam o personagem necessitado pelo outro. Ambos desempenham o papel que o outro lhe adjudica e, ao mesmo tempo, o papel necessitado por cada um em si; tornando estereotipados os mecanismos de conluio, o que implica ainda um jogo de lealdades em conflito com os objetos primários. (Losso & Packiarz, 2001, p. 125)

Podemos supor que, por meio do conluio com sua mãe, Jacob satisfazia seu desejo pré-natal de destronar o primogênito; Rebeca, por sua vez, satisfazia a ânsia de exercer, por intermédio de Jacob, a ginecocracia no meio familiar. Jacob atuava, então, como um “pseudópode hostil da ameba narcisista” de sua mãe.

De fato, esse relato mítico revela como a luta silenciosa de poderes entre os gêneros do casal parental costuma ser atuada com estridências por meio de uma rivalidade manifesta e inflamada entre os irmãos. Rebeca, apesar de se posicionar diante de Isaac como uma inocente passiva e vítima queixosa do destino, manipulava e dominava Jacob de forma a enganar o marido e triunfar sadicamente sobre ele e o filho mais velho. Desse modo, permanecem finalmente unidos mãe e filho menor, em uma ligação cruel e atormentadora.

O conflito bíblico conclui com estas palavras:

Foram comunicadas a Rebeca as palavras de seu filho mais velho, Esaú. Ela mandou chamar Jacob, seu filho menor, e lhe disse: “Eis que teu irmão se consola com a ideia de matar-te. Agora, pois, meu filho, ouve a minha voz e levanta-te; foge daqui e acolha-te com Labão, meu irmão, em Jaran. E more com ele alguns dias até que se aquiete a ira de teu irmão. Até que aplaque a zanga de teu irmão contra ti e se esqueça do que lhe fizeste; então enviarei e farei vir-te de lá. Por que haveria eu de perder aos dois de vós no mesmo dia?”.

E Rebeca disse a Isaac: “Menosprezo minha vida por causa das filhas de Jet; se Jacob tomar uma mulher das filhas de Jet, como são filhas desta terra, para que devo seguir vivendo?”. (Torá, Gênesis 27, 42-46)

A personagem de Rebeca evidencia, com base no ângulo materno do triângulo edípico, como a sedução e a instigação da mãe reativam as fantasias edipianas e fraternas no filho e irmão mais novo.

Jacob achava-se atarefado por chegar a materializar um desejo pontual veemente com relação ao roubo e à apropriação da bênção do pai. É que, por meio da bênção paterna, obtém-se um efeito legal: reconhece-se o sucessor e herdeiro do pai. O que acontece é que não existe bênção para mais de um filho; ainda que o amor do pai possa ser estendido à fratria, sua lei designa somente um como o mais velho por decreto.

Para o Antigo Testamento, nem todos os irmãos valem a mesma coisa: “Os povos te servirão, e os governos se inclinarão diante de ti; sê senhor de teus irmãos e os filhos de tua mãe se prostrarão diante de ti; malditos sejam os que te amaldiçoarem e benditos sejam os que te abençoarem”.

Assoun assinala que, apesar de Isaac comprovar ter sido enganado por seu filho Jacob, que agiu com astúcia contra Esaú, não lhe retirou sua bênção: “O dito, dito está; a lei paterna não pode recusar-se, porque a palavra do pai tem força de lei. Além disso, o que se consagra é também a vontade de domínio da mãe, e parece que Jacob nunca pede nada sem que ela o incite” (1999, p. 145).

Jacob representa a servidão secreta do herói: escolhido (pela mãe), abençoado (pelo pai) e eleito (por Deus) para assumir ser: Israel. Esaú, ainda que manifeste sua fúria contra a traição de seu irmão, esquelha a participação e a responsabilidade que teria sua mãe nesse pacto de conluio. Pergunta-se, com intuição etimológica, se não é o nome que seu irmão carrega que, desde o início, marca os enganos a que ele foi exposto: “Não foi justamente chamado Jacob e, por isso, já duas vezes me enganou? A primogenitura me tomou e eis que agora me tomou minha bênção. . . Quando chegarem os dias de luto por meu pai, então matarei meu irmão Jacob”.

A experiência clínica nos tem ensinado que, com muita frequência, os deslocamentos e encobrimentos da situação edípica pela problemática conflitiva fraterna atuam como uma das fontes

inconscientes mais relevantes e geradoras de cruéis mal-entendidos. Esses mal-entendidos costumam ser transmitidos pela memória do rancor ao longo de várias gerações, dando origem, desde os tempos bíblicos até a atualidade, a uma escalada crescente de renovados mal-entendidos que dão origem a impiedosas lutas entres religiões e povos.

A mitologia egípcia nos revela o edifício íntimo de um frequente conluio materno-filial que se deu com o mito de Hórus. Esse herói reivindicador foi concebido por Ísis, sua mãe, para lutar contra Seth e vingar a morte de Osíris. Hórus nos elucida a natureza alicerçante do mito das origens reivindicatórias. Esse deus egípcio tinha permanecido, com proteção manifesta de Ísis, em uma missão sacrificial. Devia saciar a sede de vingança por conta da injustiça padecida por sua mãe e regular a homeostase do narcisismo parental. Essa missão reivindicatória inscrita antes de seu nascimento biológico havia agido de maneira permanente e cindida na sucessão de sua existência.

Ísis, que tinha sido engravidada por Osíris, aproximou-se com todo o coração dos deuses e lhes disse: “Eu sou Ísis, a irmã de Osíris. Sua semente está em meu corpo. Recriei sua figura no fruto do meu ventre, no primeiro filho. Ele governará esta terra e aceitará a herança que seu pai recebeu de Geb. Ele defenderá Osíris e matará Seth, o inimigo de seu pai. Oh, deuses, protegei-o!”

Então Rá lhe disse: “Tem muita esperança! Tu caminhas grávida com uma criança que provém do sêmen de Osíris. Porém, mantenha-se alerta visto que o inimigo se colocou de pé; ele que matou o pai da criança agora também quer atentar contra a vida do que está por nascer”.

Então Ísis pediu proteção a Rá e a outros deuses para si mesma e para a criança no seu seio. Rá lhe concedeu. Os outros deuses lhe prometeram igualmente sua ajuda e assistência.

Depois que o filho de Ísis, Hórus, nasceu, ela o criou secretamente para protegê-lo das armadilhas de Seth, seu inimigo mortal. Quando observou que ele já era suficientemente forte para encarregar-se das funções que exercia seu pai, chamou-o e ordenou-lhe que, com o nome do “falcão que está pousado sobre os muros da morada de deus com um nome secreto”, impusesse seu poder no país de seu pai e defendesse seu trono frente a Seth. Então Hórus subiu ao trono de seu pai e promulgou o seguinte: “Eu sou Hórus, o falcão, e sou quem está pousado sobre os muros da morada do deus com um nome secreto. Meu trono se ergue diante dos antigos deuses e diante de Seth, que era o inimigo de meu pai. Perto de mim não há nenhum deus que possa desempenhar o que eu realizei. Eu sou Hórus, nascido de Ísis e Osíris. Ninguém poderá danificar-me com blasfêmias ou ataques injuriosos. Estenderei os domínios do meu trono mais que todos os homens e deuses, já que sou Hórus, o filho de Ísis”. (Beltz, 1986, p. 115)

Também nos mitos latino-americanos achamos pactos de conluio entre mãe e filho mais novo contra outros filhos e irmãos. No povo asteca, o deus solar Huitzilopochtli faz um conluio com sua mãe Coatlicue, deusa da terra e da morte, contra sua filha Coyolxāuhqui, deusa da lua. Coyolxāuhqui representa a deusa decapitada e mutilada de braços e pernas por seu irmão mais novo. Conta a lenda que Coatlicue, um dia:

varrendo o templo na colina de Coatepec, recolheu umas plumas preciosas e as guardou em seu regaço, ficando assim grávida. Coyolxāuhqui incitou a seus irmãos, as estrelas, os quatrocentos surianos (os indígenas centzonhuitznaua), a ir até aquela colina e matar sua mãe, Coatlicue, por tê-los desonrado. Decidiram matá-la antes que nascesse o filho que estava esperando. Coatlicue se atemorizou, porém o filho em seu ventre a tranquilizou falando-lhe desde seu interior. No momento em que iam matar Coatlicue, nasceu Huitzilopochtli, ornado como um guerreiro; e com uma serpente de fogo na mão feriu e decapitou Coyolxāuhqui, ou seja, a lua, que caiu do alto da colina, desmembrando-se em muitos pedaços. No momento seguinte, o guerreiro afugentou seus irmãos, as estrelas, os quais se dispersaram no firmamento e muitos morreram”. (Guía oficial, 1996, p. 108)

O conluio materno-filial acha-se também insinuado, mesmo que não explicitado como tal, na obra de Freud. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921b), no apêndice B, quando se refere à psicologia do mito do herói, lemos:

Herói foi quem, sozinho, matou o pai, aquele pai que no mito aparecia ainda como monstro totêmico. Assim como o pai tinha sido o primeiro ideal do filho homem, agora o poeta criava o primeiro ideal do ego no herói que quis substituir ao pai. A transição para o herói foi oferecida, provavelmente, pelo filho mais moço, o preferido da mãe, a quem ela tinha protegido do ciúme paterno e que nos tempos da horda primitiva fora

o sucessor do pai. Na mentirosa transfiguração poética da horda primitiva, a mulher, que fora o prêmio do combate e a isca para o assassinato, passou a ser provavelmente a sedutora e instigadora do crime. (Freud, 1921b, p. 129)

Do exposto até agora, podemos inferir, com base nos ensinamentos aportados pela mitologia à psicanálise, que a perpetuação de uma rivalidade fraterna inflamada costuma estar sustentada por diversos conflitos que ainda se mantêm ativos nas dimensões intrassubjetiva e intersubjetiva.

Com efeito, o irmão é simultaneamente um duplo de si e um estranho; por isso favorece, por sua proximidade consanguínea, ser o depositário de certos aspectos inaceitáveis de si mesmo.

1. No plano intrassubjetivo, um enfrentamento interminável entre irmãos costuma encobrir, na realidade:
 - a presença de traumas infantis não processados e denunciados por meio de uma exteriorização recorrente de feridas narcisistas e prejuízos egoístas;
 - sentimentos inconscientes e conscientes de culpa e necessidade de castigo;
 - a perpétua relação sadomasoquista que se trava entre o ego e o ego ideal, o ideal de ego e o superego no espaço mental de cada um dos rivais.

Esses inevitáveis conflitos sadomasoquistas, firmados no plano intrassubjetivo, costumam gerar, diante de falsas ligações, frequentes mal-entendidos no jogo dinâmico da intersubjetividade. Uma vez produzidos, tais mal-entendidos são produtores de novos mal-entendidos; assim perpetuam-se ao longo da vida do sujeito.

2. No plano intersubjetivo: uma rivalidade fraterna insistente pode chegar a manter-se pela persistência de pactos de conluio inconscientes e conscientes, promovidos, mantidos e reativados por conflitos pré-edípicos e edípicos do casal parental.
3. Além disso, a rivalidade fraterna pode chegar a atuar de modo defensivo para desviar a atenção da elaboração da rivalidade edípica.

A luta de Jacob em Peniel

O relato bíblico do combate de Jacob em Peniel ilustra a função estruturante que tem o confronto e o reconhecimento geracional e fraterno para que cada sujeito possa aceder e sustentar seu projeto desiderativo. Nesse patético episódio da Bíblia (Gênesis 32, 24-31), podemos coligar a sequência de três momentos fundamentais (luta, confirmação e separação) que precederam o temido encontro entre Jacob e seu irmão Esaú.

Assim, Jacob ficou sozinho; e com ele lutou um homem até que raiasse a alvorada. E quando o homem viu que não podia com ele, tocou a região da juntura da coxa de Jacob e a desconjuntou enquanto lutava com ele. E disse: “Deixa-me, porque raiou a alvorada”. E o homem perguntou: “Qual é o teu nome?”; ele respondeu: “Jacob”. E o homem lhe disse: “Não se dirá mais teu nome Jacob, mas sim Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e venceste”. Então Jacob disse: “Declara-me agora teu nome”. E o homem perguntou: “Por que

me perguntas meu nome?”. E o homem o abençoou ali. Jacob chamou aquele lugar Peniel e disse: “Vi a Deus cara a cara e minha alma foi salva”. E quando passou Peniel, saiu o sol. E ele mancava por causa de sua coxa. (Torá, Gênesis 32, 24-31)

Peniel representa a sede onde se desencadeia o inevitável confronto entre o filho e o pai-Deus. Recordemos que, em hebreu, Peniel significa “o rosto de Deus”, e que Israel é *o que luta com Deus*, ou melhor, *Deus luta*.

Ambas as gerações requerem ser atravessadas por esse Peniel, por esse lugar onde se produz a desconjuntura dos sistemas narcisista, pigmalionico e edípico, fundidos e confundidos. Nesse lugar, travam-se múltiplas batalhas de ambivalências e ambiguidades, ressignificadas de maneira privilegiada na adolescência. Nele, participam e confluem ao mesmo tempo a luta pulsional, o conflito da idealidade entre pais e filhos e a incidência da mudança dos ideais fomentados e exigidos pelo superego da cultura imperante.

Wiesel (1982) se pergunta: “Quem é o agressor desconhecido de conduta enigmática? Quem lhe enviou e com que objetivo? Não é sequer um ser humano?”. No texto bíblico, utiliza-se o termo *isch* (um homem). Os comentários lhe conferem traços de anjo. Enquanto Jacob, que deveria saber disso, eleva-o mais: “Vi Deus cara a cara e continuo vivo”. É um episódio confuso e inquietante, cujos protagonistas tem mais de um nome, em que as palavras possuem vários significados e cada pergunta arrastra outra: “De que se trata? De um encontro fortuito ou desejado? De uma mudança de nome? O que é um nome, na realidade? Por que aceitou Jacob um novo nome? Por acaso não lhe convinha o antigo?”. (Wiesel, 1982, p. 106).

A vida de Jacob poderia ser considerada como a de um fugitivo tenebroso que termina sua fuga em Peniel, quando, antes de encontrar-se com seu irmão, enfrenta seu oponente e assume a rivalidade, que não se reduz à edipiana, mas que inclui a rivalidade fraterna. Cada uma dessas rivalidades apresenta psicodinamismos próprios que, em alguns casos, articulam-se, encobrem-se e/ou reforçam-se. Peniel constitui um acontecimento transcendente na vida de Jacob, porque, em vez de fugir, assume a confrontação edipiana e fraterna.

Jacob, o não violento, o temente, o fraco, o resignado, o medroso que sempre fugia dos encontros, sobretudo se fossem violentos, torna-se repentinamente belicoso e impõe condições a seu oponente: “Antes tens que abençoar-me” (Luta e confirmação). O adversário não quer e prefere continuar. Enredam-se novamente em um abraço feroz e, por último, são obrigados a deixá-lo. Nenhum venceu e os dois acham-se feridos. Jacob no quadril e o anjo em seu amor-próprio. Separam-se como amigos ou como cúmplices. Agora Jacob aceita de bom grado deixar ir seu agressor (a separação) e este, como agradecimento, concede-lhe um novo nome, que simbolizará, pelas gerações, o combate, a resistência eterna em mais de uma terra, por mais de uma noite. (Wiesel, 1982, p. 118)

Nesse sentido, Peniel seria o lugar da encruzilhada estrutural entre a saída do labirinto da alienação e o ingresso na subjetividade.

De fato, a luta corpo a corpo de Jacob com o anjo introduz um novo tempo: o tempo inevitável do trabalho de elaboração psíquica

e superação das fantasias parricidas e fratricidas que estão na vida anímica de todo sujeito.

Peniel representaria o lugar no qual se desprende o ato do duplo confronto intergeracional e intrageracional, para evitar, precisamente, que se repita a atuação do primeiro fratricídio da humanidade. Representaria, então, o lugar inquestionável para confrontar e não para repetir. Confrontar para elaborar e superar a fantasia fratricida de Caim que, “convertido em metáfora, continua vagando pelo mundo tantos milênios depois, renovando seu crime a cada instante, perseguido por sua culpa e sem jamais morrer” (Schoo, 2001, p. 179).

Wiesel se pergunta se Jacob necessitou de um agressor para tomar consciência de sua força, de sua verdade, da esperança que representava.

Necessitava, de fato, de um adversário, um adversário perigoso, para converter-se em Israel? Devia tanto Israel a seu inimigo?

Os relatos dos rabinos não são unânimes acerca de quem era esse agressor. As opiniões variam muito. Não era um pastor, nem um mágico, nem um sábio, nem um bandido. Porém, a maioria dos autores prefere que seja um anjo para infundir-lhe valor. Depois do combate, o anjo lhe disse: “Veja, eu sou uma criatura celestial e me venceste; te equivocas, pois, ao desconfiar de Esaú; tu o derrotarás no teu momento”.

A ideia parece mais lógica que confere um sentido imediato, beirando ao utilitário: aquele combate não era senão um exercício de treinamento. (Wiesel, 1982)

Em outra interpretação, o anjo representaria o anjo de Jacob. Nesse sentido, o episódio sugere que o encontro não se reduz unicamente ao enfrentamento geracional inerente à conflitiva edipiana, remetendo também à dinâmica da dimensão narcisista. Em Peniel, assistimos o confronto entre Jacob e Jacob, o combate entre Jacob e seu duplo. O duplo e a imagem especular que se caracterizam por sua bipolaridade, maravilhosa e ominosa.

Requer-se, como condição necessária, obter uma múltipla vitória em cada batalha no âmbito da idealidade – sobre o duplo ideal e sobre o ideal imortal, sobre o duplo especular e sobre o bissexual –, para assumir o irreversível rompimento narcisista que representa, segundo palavras de um analisando, “que a gente não é eterno e que não se pode perpetuar mais no outro”. Desse modo, é possível logo ingressar na espacialidade, na temporalidade e na afetividade não alienadas das idealizações próprias e dos outros, pois tais operações não são possíveis caso não se cruzem os desfiladeiros da desidealização.

É precisamente nesse intrincado e doloroso processo da desidealização que se requer a intervenção do ódio, pois, por meio de sua função de desligamento, promove-se a discriminação na relação de objeto e permite-se que o dispositivo da prova de realidade possa intervir para efetuar a distinção entre os estímulos internos e externos, evitando a possível confusão entre o que o sujeito percebe e o que meramente é representado.

O processo de desidealização é desencadeado do desligamento, da retirada do elevado investimento (maravilhoso ou ominoso) que havia recaído no objeto sobrevalorizado (positiva ou negativamente), da mesma forma que sobre a onipotência do ego, gerando a consequente reestruturação do vínculo com o objeto e consigo mesmo. Além disso, promove uma reordenação nos ideais do ego.

A desproporção do ideal pode converter-se em um ideal proporcional baseado no reconhecimento do outro como limite irreduzível ao propósito dominador do sujeito.

Entretanto, a função trófica do ódio na relação intrassubjetiva e intersubjetiva pode enfraquecer-se e até chegar a perder-se quando a agressividade, a serviço dos propósitos discriminatórios de Eros, inerentes à separação e à individualização, converte-se em sinônimo de destrutividade, confundindo a condição de oponente e diferente com a de inimigo. Isso acontece quando o ódio funde-se com o componente sádico da libido e associa-se ao potencial mágico e intimidativo da agressão tanática, que tende ao estabelecimento repetitivo de um estado anterior por meio da presença de uma força radicalmente desorganizadora e fragmentadora.

A recusa da luta geracional e intrageracional provoca severas perturbações na identidade. O sujeito que não atravessa o enfrentamento e o rompimento do espelho da imortalidade própria e dos demais, necessários e inevitáveis, vai elaborar autoimagens narcisistas – que são suportes figurativos do sentimento de si – carentes de relevo, densidade e limites precisos, permanecendo representado pela figuração de um incessante exílio interior e exterior.

De fato, a imagem do combate de Jacob com o anjo representa uma nova humilhação ao narcisismo e à onipotência do ser humano. À afronta narcisista, “que consiste em mostrar que o homem não tem um lar em si mesmo, ou seja, que ele mesmo não é o dono e que, ao final, não está no centro” (Laplanche, 2001, p. 132), pela presença atuante de seu inconsciente, é acrescentada uma nova ferida narcisista na relação intersubjetiva. Nesta, o sujeito não pode exercer um poder omnímoto sobre o outro e reduzi-lo à condição de mero objeto de seu domínio. Ele também depende desse objeto e precisa admitir o outro como um sujeito diferenciado, auxiliar e complementar de sua própria desproteção e

necessidade de ser, finalmente, confirmado e reconhecido narcisisticamente por esse outro.

Portanto, a luta patética entre Jacob e o anjo emblematiza as incessantes batalhas paradoxais do narcisismo que se suscitam de modo vão e repetitivo, porque tentam negar e forçar a irredutível dimensão da alteridade.

As comparações: tolerância e intolerância

Os autênticos lutadores contra a intolerância são aqueles que aceitam o relativo e depõem a cegueira do fanatismo que conduz à segregação e até à aniquilação do outro e de si mesmo.

Essa manifestação do “narcisismo das pequenas diferenças” exterioriza um dos aspectos negativos do ego ideal, formação narcisista intrapsíquica que instala na relação intersubjetiva uma lógica sadomasoquista, comandada por uma identificação heroica, sustentadora de uma crença enfatuada, em virtude da qual a afirmação do si mesmo cavalga inexoravelmente sobre a negação do outro.

Nessa lógica excludente, a autoestima, sentimento de si ou sentimento da própria dignidade (*Selbstgefühl*), encontra-se condicionada por definir alguém como um ser inferior na escala dos valores humanos. Segundo essa definição de autoestima, ativa-se uma comparação compulsiva, baseada no menosprezo do outro, e uma sobrevalorização do ego, que permanece superinvestido com uma cruel megalomania.

Podemos classificar quatro tipos de comparações: a masoquista, a maníaca, a obsessiva e a comparação propriamente dita. A última possibilita o exercício de um cotejo, de uma confrontação do semelhante, do diferente e do complementar entre os elementos

que intervêm nessa comparação. A comparação propriamente dita inaugura a lógica da tolerância e do relativo, o que propicia, por sua vez, uma crescente complexidade e um desenvolvimento em cada um dos participantes.

Nas outras comparações, a confrontação é substituída pelo ato de provocação, que, ao gerar extrema dependência do objeto, impede o sujeito de instalar-se em si mesmo. Isso o detém em suas possibilidades de evolução e o retém, finalmente, em uma interminável e infrutífera comparação. Assim, na comparação masoquista, o sujeito sobrevaloriza o outro, a serviço de acrescentar sua própria megalomania negativa: “Eu, quando me comparo, sou o pior de tudo e de todos”.

A superestimação do negativo próprio desencadeia sentimentos negativos: culpabilidade, vergonha e autocondenação, que promovem a reativação da fantasia de “Uma criança é espancada” (Freud, 1919b) revertida sobre a própria pessoa. Nessa fantasia de humilhação e flagelação, ativa-se, segundo Freud, o complexo paterno. Considero que, além disso, participam outros elementos em sua formação, relacionados aos complexos materno, fraterno e parental.

Na comparação maníaca, ativam-se os mecanismos de negação, desqualificação e triunfo sádico sobre o outro. Já na comparação obsessiva, aquela que oprime implementa os mecanismos de controle e domínios onipotentes que solapam, de forma gradual e progressiva, a subjetividade do outro e do si mesmo até chegar ao extremo da aniquilação. Nessas duas comparações, atribui-se todo o poder a um só, que permanece como um ser enaltecido e soberano, mas também incapacitado para tolerar o poder e os direitos inalienáveis que os outros detêm e possuem junto a ele. Nas comparações maníaca e obsessiva, reativa-se uma fantasia narcisista singular que denomino de fantasia do “unicato”.

O unicato é uma denominação inventada em fins do século XIX, aplicada ao governo de um único partido reacionário e corrupto. O eixo desse sistema político era uma concepção absolutista de um poder executivo unipessoal que inutilizava e avassalava os demais, impedindo o estabelecimento de uma oposição organizada. (Romero, 1956)

Com frequência insólita, achamos que o desejo de permanecer no lugar do unicato ficou conservado no inconsciente e desenvolve, desde a repressão, seus efeitos particulares.

Essa fantasia edifica-se como o ego ideal mesmo – que é um cultivo puro de narcisismo – sobre a base de recusas da realidade e, em virtude dessas recusas, conserva sua existência. Diante da morte, eleva sua pretensão de imortalidade e, diante das angústias do mundo e suas contingências, aferra sua invulnerabilidade ao perigo. Ele, em si e por si, é digno do amor, do reconhecimento e do poder ilimitado e inquebrantável.

Essa fantasia é encenada desde os tempos primordiais da Bíblia, nas representações oníricas dos sonhos de José, o filho predileto declarado de Jacob, que despertou os vigorosos ciúmes fraternos, “e a saga judia de José e seus irmãos bem mostra aonde podem levar esses ciúmes” (Freud, 1938, p. 103).

E amava Israel a José mais que a todos os seus filhos, porque o havia tido em sua velhice; e lhe fez uma túnica de diversas cores.

E vendo seus irmãos que seu pai o amava mais que a todos os irmãos, aborreciam-no e não podiam falar-lhe pacificamente. E sonhou José um sonho e o contou a seus irmãos; e eles chegaram a aborrecê-lo mais ainda.

E ele lhes disse: “Escutai agora este sonho que sonhei: Eis que estávamos atando feixes no meio do campo e eis que o meu feixe se levantava e ficava direito e os vossos ficavam em volta e se inclinavam ao meu”. Seus irmãos lhe responderam: “Reinarás tu sobre nós ou terás domínio sobre nós?”. E lhe aborreceram ainda mais por causa de seus sonhos e de suas palavras. Sonhou ainda outro sonho e o contou a seus irmãos, dizendo: “Eis aqui que sonhei outro sonho e eis aqui que o sol e a lua e onze estrelas se inclinavam a mim”. E o contou a seu pai e a seus irmãos, e seu pai lhe repreendeu e lhe disse: “Que sonho é este que sonhaste? Acaso eu e tua mãe e teus irmãos vamos nos prostrar por terra diante de ti?”. E seus irmãos lhe tinham inveja, mas seu pai meditava sobre isso. (Torá, Gênesis 37, 3-11)

Talvez Jacob meditava sobre sua responsabilidade e culpa por ter imposto entre seus filhos seu próprio “calcanhar de Esaú”: a repetição compulsiva, desde o ventre materno, de uma comparação e uma luta permanentes com um gêmeo rival. Trauma precoce que deixou como marca, em Jacob/Israel, um processo de narcisização deficiente e uma resolução edípica e fraterna atormentada. A repetição desse trauma se deslocou não só aos vínculos com os filhos, como também se ressignificou nos netos.

De fato, Jacob não abençoou Rubem, seu primogênito, mas ungiu a José. Este provocou a explosão de inveja, ciúme, ódio e ressentimento em seus irmãos, por intermédio da imposição de comparações maníacas e obsessivas representadas nesses dois sonhos (o “unicato”). Essas comparações suscitaram atos retaliativos,

e José, finalmente, foi vendido como escravo ao Egito por seus irmãos (“Uma criança é espancada”).

Quando Jacob foi ao Egito, repetiu nos filhos de José seu “calcanhar de Esaú”: abençoou primeiro a Efraim, o segundo neto. Essa cena foi usada pelo cristianismo para alegar seu afã de unicato e legitimar um histórico poder divino sobre o povo eleito de Deus.

Tal episódio bíblico foi eternizado em uma pintura de Rembrandt (1606-1669). Nela, saem à luz os influxos exercidos pelos conflitos inconscientes na configuração da história das religiões. Pontualmente, iluminam-se nesse quadro os efeitos ainda atuantes da fratria nas relações entre o judaísmo e o cristianismo.

A bênção de Jacob

Rembrandt mostra em seu quadro *Jacob abençoando os filhos de José* (1656) o visível e o invisível, o conhecido e o enigmático, que está subjacente no estado convulsivo dos traumas não processados na infância e em sua compulsão repetitiva atemporal, que costuma estender-se ao longo das gerações.

Nessa pintura, podemos inferir como os influxos inconscientes das três estruturas – narcisista, edípica e fraterna – geram seus efeitos duradouros na estruturação e desestruturação da vida anímica das massas. Rose Marie Hagen e Rainer Hagen (2001) realizaram um extenso estudo do quadro e assinalam que Efraim, o segundo-gênito de José, imita a figura de Cristo.

Transmito a seguir alguns dos fragmentos mais relevantes:

- a. Jacob foi um dos patriarcas do povo judeu; segundo a tradição, viveu 147 anos. No leito de morte abençoou seus filhos;

também fez vir a dois de seus netos, Manassés e Efraim, para dar-lhes a bênção. O pai das crianças, José, amparou o ancião, enquanto a mãe, Asnath, observou a cena.

A ação desenvolve-se no Egito, porém, não se pode distinguir se o lugar é uma tenda ou um edifício. Rembrandt retratou Jacob com um gorro como os que se usavam no século XVII; o filho porta um turbante turco, e a mãe, uma touca típica da Borgonha, antigamente em moda nos Países Baixos. Esses detalhes indicam ao espectador que a cena transcorreu há muito tempo no Oriente. Naquela época, desconheciam-se quase por completo como eram os trajes dos povos do Antigo Testamento, mas o conteúdo das escrituras era muito familiar. Os personagens e as narrações bíblicas eram parte do patrimônio cultural de todas as classes sociais. Qualquer contemporâneo de Rembrandt conhecia a história da bênção de Jacob e seu significado.

Hoje em dia, quase ninguém conhece o sentido da bênção. Praticada unicamente pelos eclesiásticos, é concebida tão somente como uma espécie de súplica e uma graça divina. A bênção no Antigo Testamento tinha um significado mais amplo: quem era abençoado pelo patriarca adotava um posto determinado no seio da família da tribo e na História Sagrada. Porque, para os homens da Bíblia, a vida na Terra respondia à vontade divina. Deus intervinha diretamente, ajudava a seus fiéis e castigava os infiéis.

Era costume que o pai ou o patriarca pusesse a mão direita sobre a cabeça do primogênito, para lhe atribuir o papel de chefe. Jacob procede de maneira diferente com seus netos e põe a mão sobre a cabeça de Efraim, o mais novo de José. O pai das crianças quis desviar a mão do ancião. Pensava que era uma confusão do pai, porque “seus olhos haviam enfraquecido com a idade”. Porém, Jacob replica:

Eu o sei, meu filho, eu o sei; também ele virá a ser um povo e também será engrandecido; mas seu irmão mais novo será maior que ele, e sua descendência formará multidões de nações”. E Jacob os abençoou naquele dia dizendo: “Faça-se Deus como a Efraim e como Manassés”. E pôs Efraim antes de Manassés. (Torá, Gênesis 48, 19-20)

Assim se narra esta cena no capítulo 48 do Gênesis.

- b. Os motivos da vida de Jacob foram muito frequentes na Idade Média e no período do Barroco, especialmente a bênção dos netos. Para a maioria dos artistas e seus clientes, o principal era que os braços de Jacob aparecessem cruzados, o que se considerava uma alusão à cruz de Gólgota. Favorecendo o irmão pequeno, Jacob se remete à fé do Antigo Testamento segundo a doutrina da Igreja: Efraim representa o cristianismo, e Manassés é a fé judia mais antiga.

Em 1620, poucos decênios antes de Rembrandt, Guercino (1591-1666), um italiano da escola bolonhesa, pintou uma bênção em que Jacob mantém as mãos uma sobre a outra no centro do quadro.

Na versão de Rembrandt, carece de importância se as mãos ou braços aparecem cruzados. Os dedos da mão esquerda sobre o cabelo escuro de Manassés são apenas esboçados, pouco se vê claramente se Manassés se encontra um pouco adiante de seu irmão, o que seria necessário para que os braços fossem cruzados. O pintor ressalta a importância de Efraim com outros meios: representa-o como um Cristo jovem, com um halo luminoso, e as mãos cruzadas sobre o peito.



Na pintura, tornam-se visíveis vários temas relevantes:

1. As relações de domínio que estão subjacentes nos jogos de poder entre os duplos consanguíneos, segundo a diferente ordem de nascimento entre os irmãos.
2. O filho-religião e o povo escolhido de Deus.
3. Seus efeitos na distribuição dos distintos direitos e deveres, bem como suas incidências em situações conflitantes relacionadas à herança e à justiça.
4. As influências da temática fraterna, mesmo tão universais na estruturação psíquica do indivíduo, apresentam-se também na vida anímica das massas; desde épocas remotas até o presente, desencadearam, por um lado, uma nova ordem social, ética e religiosa e, por outro, acontecimentos destrutivos de relevância.

Freud (1938) assinalou que o judaísmo havia sido uma religião do Pai e que o cristianismo tinha se tornado uma religião do Filho. Considero que, entre essas duas religiões, não só se reanima uma atormentada relação parento-filial como se reativa uma rivalidade fraterna na qual o cristianismo, ao ocupar o lugar de um segundogê-nito frente ao judaísmo, não largou sua própria aspiração ao exercício do “unicato” e ainda permaneceu estendendo a mão para alcançar o reconhecimento e a confirmação de um irmão mais

velho. E este, ao colocar-se como o legítimo primogênito, possuidor de um inquestionável “unicato”, por ter sido declarado por Deus como seu povo escolhido, provocou em outras religiões irmãs recorrentes comparações de hostilidade. De fato, a dinâmica fraterna passa a ser uma importante ligação entre o processo esquecido do tempo primordial e seu ressurgimento tardio na forma de religiões monoteístas.

Quero assinalar que a intensidade e a permanência da intolerância e do fanatismo entre as religiões e os povos devem ter, evidentemente, mais de um fundamento. Pode-se inferir toda uma série de razões, muitas delas derivadas da realidade material, externa ou objetiva, porém seus motivos mais profundos estão arraigados nas épocas míticas do passado remoto.

Esau e Jacob na situação analítica

Nos relatos bíblicos e nas tragédias gregas, são os deuses que movem os destinos dos personagens.

No caso de Hernán, irmão gêmeo de Román, os efeitos patógenos exercidos pelos processos inconscientes o condenaram a permanecer identificado no seio familiar, no lugar mítico de Esau; como o primogênito espoliado de direitos, mas obrigado a subscrever com o pai um contrato narcisista de imortalidade e um conluio paterno-filial contra a mãe e o irmão. Laura, a mãe, 45 anos de idade, por iniciativa própria solicitou uma entrevista diagnóstica porque:

Doutor, meu filho Hernán está muito voltado para dentro, sem nenhum incentivo. Nada o motiva. Não participa nas reuniões familiares. Em casa não emite um som. Vive isolado. Fecha-se em seu quarto muitas horas, fabricando

maquetes de aviões. Enquanto Román vive agitado. É inquieto e curioso. Meus dois filhos são dois polos opostos. Román é extremamente ambicioso e avassalador. Ele acredita que não tem de pedir permissão a ninguém e que pode dispor das coisas de seu irmão como se fossem dele. Desespera-me o fato de que Hernán não toma conta das próprias coisas; não cuida delas. Ele não fala: isso é meu, é de minha responsabilidade.

Nós demos um carro para Hernán. É de sua propriedade, só dele. Porém, não toma conta e se deixa oprimir por seu irmão. Inclusive quando assiste à televisão, Román pode mudar de canal e ele não se opõe. Entre eles, não há discussão. Não há brigas. Hernán cede sempre o seu lugar.

A princípio tratei de ser justa e equitativa com os dois. Eu me organizava de tal maneira que, quando dava banho em um primeiro, no outro dia começava pelo outro. Fazia a mesma coisa com a comida. Não os amamenteei no peito, dei mamadeira.

Eu sempre estive muito atenta. Não queria fazer diferença entre eles. Até que, aos 2 anos, Román teve convulsões febris por amigdalites recorrentes, que acabaram numa doença reumática. Aí perdi meu equilíbrio e comecei a me preocupar muitíssimo com Román. Sem perceber, descuidei bastante de Hernán. Além disso, Román era sempre muito demandante e meu marido se dedicou mais, desde o início, a Hernán.

Hernán é o mais velho, foi o primeiro a nascer. Tem traços semelhantes ao pai. Preocupa-me que, como o pai, tudo dá no mesmo. Não reage. Não briga pelas suas coisas. Deixa passar. Por outro lado, Román é tudo ao contrário. Fico exasperada de ver meu filho assim.

Eu repito, doutor, eu não tinha preferências, queria me repartir em partes iguais. Porém, não sei o que passou,

porque o pai sempre teve devoção por Hernán. Ele tem seu mesmo nome. Quando cresceram, falava só com Hernán na mesa e eu, para compensar, me dedicava a Román. Tentava fazer o contraponto. Queria encontrar um equilíbrio, mas na verdade me sinto em falta com Hernán.

Eu nunca pude me dedicar a um com tranquilidade. (Pausa.) Faz cinco anos que estou separada do pai dos meninos. E essa diferença que já existia entre eles se acentuou. O pai, quando fala por telefone, pergunta diretamente por Hernán e com Román quase nunca fala. Román também não vai ver o pai.

Doutor, preciso que o senhor veja o Hernán o quanto antes. Ele não estuda nada de nada. Não sai com amigos. Ninguém telefona para ele. Não pratica esportes. Está robotizado.

O favorito

Hernán tem 16 anos no momento da consulta. É um adolescente muito magro, de estatura elevada e portador de um olhar inteligente e, ao mesmo tempo, esquivo.

Admite que está muito mal e que não sabe o porquê. Também comenta que jamais teria vindo consultar por iniciativa própria. Ele me esclarece que o pai não está de acordo que procure um psicólogo, mas que, de qualquer modo, está disposto a tentar comigo com a condição de vir apenas uma vez por semana. Expressa-se com fluidez e precisão e com uma marcada distância afetiva. Jamais me chamou de você² ao longo dos quatro anos de sua experiência analítica.

2 Em oposição ao uso de “senhor”, que é um tratamento mais respeitoso e distante. [N.T.]

Eu sei que sou o favorito do meu pai. Ele tem preferência por mim desde que nasci. Eu fui registrado num número de documento anterior ao meu irmão. Meu número termina com 79 e o do meu irmão com 80. Nascemos de cesariana. Talvez o que nasceu antes foi aquele que pegaram antes. De qualquer maneira, eu sou o primeiro, e ele, o segundo.

Não sinto que minha mãe tenha preferência por Román. Não sei se demonstra sua preferência por algum. Não sei se tem por alguém. Também não percebia a preferência que meu pai tem por mim, mas meu irmão sentia, sim. Uma vez ele me disse: “Papai prefere você”; e eu fiquei assim, isso me pareceu estranho.

De qualquer forma, não sei porque eu sou o favorito. Nem mesmo sei que atributos tenho para ser o preferido.

Analista: Você se sente mal por ser o favorito?

Hernán: Eu preferiria que meu irmão não soubesse. Também não sei se quero ser o preferido do meu pai. Não vejo nenhuma vantagem nem desvantagem. Pode ser que a desvantagem seja meu irmão se aborrecer comigo por isso. Nunca fiz nada nem tenho planejado fazer nada; nada de nada. Às vezes não sei o que sinto. Tanto faz.

(Em outra entrevista comenta.)

Hernán: Muitas coisas que me fazem pensar também me fazem sentir mal. Procuro não pensar muito em algumas coisas. Muitas vezes, evito pensar porque não quero sentir coisas más. Eu não penso em coisas boas, não sinto coisas boas. Eu não sei se tenho coisas.

O pai resistiu a vir ao consultório, porém, diante do reiterado pedido de Hernán, aceitou vir a uma única entrevista. Apresentou-se com uma franca atitude querelante. Manifestava oposição a que

seu filho se consultasse por problemas emocionais, porque, segundo seu parecer, não apresentava nenhum transtorno. O tema central de seu discurso girava em denunciar sua ex-mulher como a única causadora do divórcio conjugal; além disso, havia renunciado, aparentemente sem culpa, a algum vínculo seu com Román. Desde o momento da separação, o pai depositou sua responsabilidade na assistência material a seus filhos.

A entrevista que mantive com Hernán e seus pais me evocou, a princípio, o mito de Jacob e Esaú. E comecei a comparar as semelhanças e as diferenças entre os irmãos e seus pais com a dinâmica estrutural dos personagens bíblicos.

Desde o início, são postas em evidência as influências exercidas pelo singular complexo fraterno nos gêmeos, bem como sua articulação com as dinâmicas narcisista e edípica, pelos particulares psicodinamismos que se entrelaçam, inconscientemente, entre pais e filhos.

Tanto no mito como na família de Hernán, tornam-se presentes as rivalidades encobertas e manifestas entre os gêneros do casal, a divisão do “butim filial” entre eles e as alianças entre o pai e o filho mais velho, e entre o filho mais novo e a mãe. Porém, diferentemente do relato bíblico, no qual se instalou um conluio materno-filial entre Rebeca e Jacob, estabeleceu-se, nesse caso, um conluio pai-filho contra a mãe e o filho/irmão mais novo.

De fato, o pai de Hernán o havia tomado narcisicamente como seu eleito, como seu duplo especular reivindicatório. Hernán-Pai, à semelhança do patriarca Isaac, padecia também de uma cegueira, porém ela era psíquica. Não percebia o profundo padecimento de seu filho. Tinha um escotoma mental que o impedia de visualizar o profundo estado regressivo no qual seu filho permanecia retraído e dolorido. Hernán-Filho havia sido identificado a tomar parte

de uma missão reivindicatória. Seu dever consistia em saciar, em nome de seu pai e em seu próprio nome, uma sede insaciável de represálias.

Esse conluio pai-filho, no qual intervém um sistema extravagante de identificações primárias, narcisistas, alienantes, impostas pelo pai e assumidas por Hernán, gerava nele um tormento de lealdades, interceptando os processos de narcisização e de constituição e elaboração dos complexos de Édipo e fraterno.

Desejo esclarecer que a abordagem terapêutica de um adolescente gêmeo não supõe modificações na técnica àquelas já conhecidas e aplicadas ao adolescente em análise. Porém, fica evidente, com base em entrevistas e sessões que apresento a seguir, que a situação dos gêmeos requer ser historiada como um ponto de partida importante, como um fator relevante relacionado a um complexo fraterno singular, mas não como fator único, e sim como outro entre os diversos fatores determinantes do destino de uma vida. Apesar da condição de ser gêmeo ter uma potencialidade traumática, já que existe de início e determina, por sua vez, condutas particulares entre os irmãos e dinâmicas dos progenitores com eles, somente se converte em trauma na medida em que as crianças e seus pais não conseguem lidar com ela e, em consequência, isso gera efeitos paralisantes e desorganizantes na mente e/ou no corpo.

É importante que o analisando e o analista não convertam a situação inicial de gêmeos em uma categoria particular que concede, por meio de uma série de racionalizações, direitos e concessões particulares, como se transformar em uma subidentidade de excepcionalidade. Nesses casos, essa subidentidade pode chegar a ter um valor defensivo, ao passo que o sujeito consegue armar-se e ancilosar-se a partir dela, como uma vítima condenada credora ou devedora de um pré-fixado e imutável destino.

O muro narcisista e masoquista

Freud, na conferência número 26, intitulada *A teoria da libido e o narcisismo* (1916d), diferencia as neuroses de transferência das neuroses narcisistas. Essa distinção marcaria uma linha divisória entre o analisável e os contornos da análise. Nesse mesmo texto, Freud assinala a oposição entre interesse e libido e descreve o muro narcisista e as resistências que se levantam para se opor à mudança psíquica.

As neuroses narcísicas são apenas abordadas com a técnica que nos tem servido no caso das neuroses de transferência. Sempre nos ocorre que, após um breve avanço, tropeçamos com um muro que nos detém. Como já sabem, também nas neuroses de transferência tropeçamos com barreiras parecidas que opõe resistência, mas podemos desmontá-las peça por peça. Nas neuroses narcísicas a resistência é insuperável; quando muito, podemos lançar um olhar curioso por cima do muro para vislumbrar o que ocorre do outro lado. Portanto, nossos presentes métodos técnicos têm de ser substituídos por outros; ainda não sabemos se conseguiremos tal substituto. (Freud, 1916d, p. 385)

Ao descrever a migração libidinal entre ego e objetos, Freud assinala que, quando a libido se torna narcisista, não pode achar o caminho de regresso para os objetos, perde sua mobilidade, obstaculiza-se e passa a ser patógena. Diz: “Parece que o acúmulo de libido narcisista não é tolerado além de certa medida. E ainda podemos imaginar que se chegou ao investimento de objeto justamente

por isso, porque o ego se viu forçado a emitir sua libido para não adoecer com sua estase” (Freud, 1916d).

As megalomanias na paranoia, na mania e na melancolia, que tomam a forma de delírio de insignificância, são manifestações da estase libidinal no ego por refluxo do narcisismo secundário. Em “Uma dificuldade da psicanálise”, Freud (1917) escreve: “Ao estado no qual o ego retém junto a si a libido, nós o chamamos narcisismo, em memória da lenda grega do jovem Narciso, que se enamorou de sua própria imagem especular”.

Porém, Hernán, longe de enamorar-se de sua própria imagem especular, ele a desprezava. Suas autoimagens narcísicas, como representantes figurativos de seu “sentimento de si”, estavam superinvestidas de onipotência negativa. Ele era, segundo suas próprias palavras, uma “metade” e um “nada”. Era o ego ideal negativo do outro duplo especular e maravilhoso, investido como o ego ideal positivo. Entre ambas as metades cindidas, não se conseguia configurar uma unidade integrada (Lacan, 1981, p. 197).

Hernán partia de um lugar certo de impotência e sofrimento, acompanhado de humilhações morais e erógenas. Ele era o Verdugo de si mesmo – “Eu sou a ferida e a faca, a bochecha e a bofetada” (Baudelaire, 1982, p. 102) –, o suporte das fantasias de “Uma criança é espancada” (Freud, 1919b, p. 195), revertidas sobre sua própria pessoa. Essas fantasias e autoimagens narcisistas condenavam-no a permanecer retido dentro de um enclausurado destino kafkiano de retração e impotência.

Non acho que estou deprimido, mas non quero fazer nada. Sinto que me falta alguma coisa, uma vida. Non porque acho que esteja numa de non querer viver nem nada parecido. Falta viver minha vida.

Quando digo “viver”, é ter mais amigos, sair, ter garotas, um objetivo no futuro que me entusiasme. Quero viver a vida com mais diversão. Eu tinha me organizado para ser piloto. Continuo com o violão, com o professor de quem eu gosto muito. Mas não sei o que me acontece que em certo momento eu desanimo e largo tudo.

Também o estudo me custa. Eu voluntariamente não faço o contrário do que faz meu irmão. Mas obviamente as coisas saem assim. Román não tem problemas com as mulheres. Eu gosto de mulheres, mas tenho dificuldade com a conquista, não sei como chamar melhor, com a cantada. Ele não tem problema com a cantada. (Pausa.)

Eu estou cheio das comparações. Elas me encham o saco. Sendo gêmeo, a comparação existe sempre. Mesmo que não falem nada. É muito mais que quando você tem um irmão. Muitas vezes não se fala da comparação, mas se pensa.

Hernán permanecia robotizado e retraído regressivamente em um doloroso mundo isolado e atormentado por representações e afetos hostis contra si mesmo: “Eu sou um ressentido com a vida, para dentro. A vida me parece injusta na realidade. É que na realidade eu mereço mais do que tenho”. Essas queixas e reclamações para dentro engrossavam a espessura das paredes de seu muro narcisista-masoquista.

Ao longo do trabalho analítico com Hernán, foi possível constatar que ele apresentava uma severa afecção narcisista, não por estase libidinal, mas por uma falta na constituição inaugural do narcisismo. Seria uma afecção pré-narcisista por carências precoces no processo de narcisização originária.

Algo e algia

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud assinala:

é uma suposição necessária que não esteja presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao ego; o ego tem de ser desenvolvido. Pois bem, as pulsões autoeróticas são iniciais, primordiais; portanto, algo deve agregar-se ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua. (1914a, p. 87)

Freud não chega a especificar em que consiste esse “algo” da nova ação psíquica. O novo ato psíquico tem o valor de uma mudança estrutural: organizar as pulsões parciais em uma imagem unitária de si mesmo. Aqui, adquire fundamental relevância como o *infans* foi olhado ou não pela mãe, bem como a identificação com esse olhar.

Lacan (1976, p. 11) e Winnicott (1967, p. 147) ocuparam-se com profundidade desse tema. Isso significa que esse *algo* mantém seus nexos com os efeitos estruturantes, de ligação, que provêm das primeiras relações de objeto. No caso de Hernán, podemos verificar, com base nas entrevistas que mantive com ambos os pais, que haviam sido insuficientemente desenvolvidas, originando falhas na textura psíquica precoce. Substituindo o “*algo*” pela “*algia*”, a dor da nostalgia e do rancor primigênicos por aquilo que injustamente não se conseguiu estruturar.

Acontece como se a presença da algia tentasse substituir e obliterar certas carências precoces. Nesses casos, a algia tem a função de ligadura, de “remendar” a estruturação falhada do narcisismo originário; forma-se, como consequência, uma neocriação. Em

lugar de erguer-se um muro narcisista por estase libidinal, forma-se um muro narcisista-masoquista, elevadamente superinvestido para o sujeito, porque, por seu alto valor defensivo, atua como um guardião da vida para o sujeito (Freud, 1924, p. 167).

Nesses casos, o masoquismo, fornece, por meio da formação cicatricial da dor, da algia, uma função vicariante de ligação e de complementação para dar coesão e estrutura. Assim, conjura-se o perigo da fragmentação das pulsões primordiais, autoeróticas, agindo como uma neoação psíquica para que “o narcisismo se constitua” (Freud, 1914).

No processo analítico de Hernán, instalou-se desde o início uma eloquente transferência neurótica. Gradualmente, apresentou-se, além disso, outro funcionamento psíquico, não neurótico e arcaico de sua personalidade. Esse setor mental cindido havia permanecido silenciado e acantonado atrás de um muro narcisista-masoquista de alta complexidade. Hernán permanecia retraído regressivamente em seu muro-cela. Durante longas horas, autossequestrava-se em seu quarto, infringindo-se humilhações com acessos de desalento, desconfiança e dor. O desânimo erodia sua vitalidade e “o convertia em uma figura átona, quase inanimada, que impregnava de uma maneira muito funda os investimentos e gravitava sobre o destino do futuro libidinal, objetal e narcisista” (Green, 1986, p. 209). Seu profundo desânimo gerava uma ausência de expectativa vital e de desesperança na situação analítica. Cíndia e projetava massivamente a esperança e a confiança na possível mudança psíquica em minha pessoa.

Eu me abato muito rapidamente. Quando me desanimo, não posso manter minha vontade. Custa-me muito ter esperança. Eu a vejo, mas não acredito no que vejo. Eu vejo e sei que tem uma forma de saída e que é fácil. Sei que a

ação é uma coisa simples, mas não sinto que vou mudar isso. Eu só sei que não posso.

Analista: Talvez você espere que eu possa e faça isso por você e que, além disso, te injete uma boa dose de esperança em cada sessão.

Hernán: Sim, pode ser. Eu vejo a esperança, mas não a sinto. Eu tento fazer coisas justamente para mudar. Porém, ao ver que as coisas que faço não saem direito, acabo dizendo: “Bom, sei lá eu! Não presto para nada”. Geralmente, quando vou dormir penso que amanhã vou conseguir ir para a frente e ver tudo. Mas vejo todas as coisas como más. Eu sei que é um mecanismo que tenho de mudar, que eu preciso ver as coisas boas, porém, quando me comparo, as más superam.

Analista: Volta novamente o tema da comparação.

Hernán: Eu acredito que saia perdendo na comparação com qualquer um, porque vejo o mal em mim. Eu vejo que na vida social Román tem muito sucesso, e isso para mim é o mais importante. No estudo ele não vai bem. Mudou outra vez de faculdade. Agora estuda teatro e vai a reuniões de literatura. Ele não trabalha. Eu trabalho. Eu digo que não é que eu não vejo a mudança. Eu sei que pode ser de outro jeito. Porém, não vejo que eu chegue a ser de outra forma. Também não digo que me sinto esgotado. Mas tem dias que sim. Não tenho nada ordenado, nem no estudo, nem na minha vida. Não faço as coisas direito.

Analista: Talvez você tenha uma fantasia de que eu seja como uma espécie de um clone teu e que execute certas coisas por você.

(Sorri, e seus olhos rapidamente refletem um olhar brincalhão.)

Hernán: Eu gostaria, por que não? Que o clone fosse aos barzinhos e cantasse todas as meninas. Ou que faça os

exames por mim. Eu tenho um milhão de coisas que gostaria de fazer e não faço. Gostaria de aprender a fazer plastimodelismo, mas não faço bem. Porém, com o violão me dou bem. É uma das poucas coisas que posso e faço bem.
 Analista: Parece que, de repente, num momento dado, mete, sem mais nem menos, um pau na roda que te breca.
 Hernán: Não, na roda não. Me metem um pau no cu.
 Analista: E quem te pôs esse pau?
 (Ele me olha fixo, fica sério, com uma voz grave.)
 Hernán: Já estava assim; quando olhei para trás.

O sujeito que permanece refugiado e fechado atrás de um muro narcisista-masquista acha-se retraído em um mundo secreto de violência em que uma parte de si mesmo voltou-se contra a outra parte, em que partes do corpo foram identificadas com partes do objeto ofensor; além disso, essa violência acabou sexualizada ao extremo (Joseph, 1987, p. 241), com necessidades conscientes e inconscientes de castigo moral e erógeno.

O siamês imaginário e os vasos comunicantes

Brusset assinala que:

a análise da relação fraterna pode ser central no trabalho psicanalítico e que a observação objetiva das inter-relações afetivas não permite, necessariamente, detectar os processos realmente determinantes que se organizam em relação ao irmão.

O fato de ter, desde o ponto de vista pulsional, um estatuto lateral não implica que desempenhe um papel



Esta obra oferece ao leitor a oportunidade de esclarecer questões metapsicológicas e clínicas primordiais sobre a importância fundamental que desempenha o complexo fraterno na estruturação da vida psíquica individual e social.

Esse complexo ultrapassa muito a importância de um simples conjunto fantasmático. Possui sua própria envergadura estrutural, e seus efeitos costumam alcançar um grau de teor tão elevado que até podem chegar a firmar o destino da vida do sujeito e de seus descendentes.

Não se trata de declarar a caducidade do complexo de Édipo, que constitui o complexo genuíno da neurose. Trata-se, ao contrário, de descomprimir este último e articulá-lo com as especificidades das estruturas narcisista e fraterna.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1392-5



9 788521 213925

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O Complexo Fraterno *Estudo psicanalítico*

Luis Kancyper

ISBN: 9788521213925

Páginas: 324

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.410 kg
